

## ENTUSIASMO, ESTRANHAMENTO E RESISTÊNCIA

### DISCURSOS DA IMPRENSA BELO-HORIZONTINA SOBRE O JOGO DE SHOOT (1904)

### ENTHUSIASM, STRANGENESS AND RESISTANCE

### DISCOURSES OF THE PRESS FROM BELO HORIZONTE ABOUT THE GAME OF "SHOOT" (1904)

**GEORGINO JORGE SOUZA NETO** | Doutorando em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) da UFMG. Prof. da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

**SARAH TEIXEIRA SOUTTO MAYOR** | Doutoranda em Estudos do Lazer pela UFMG. Membro do GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) da UFMG.

#### RESUMO

Este artigo apresenta os primeiros momentos do futebol em Belo Horizonte (MG) registrados por meio da imprensa. Para tanto, elegemos o ano de 1904 para uma análise mais detalhada das notas registradas nos periódicos. Assim, tomamos os acervos da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais e da Coleção Linhares para a composição do espectro de fontes consultadas.

*Palavras-chaves: imprensa; futebol; história do esporte.*

#### ABSTRACT

We aim to present and discuss moments related to the beginning of soccer playing in Belo Horizonte (Minas Gerais), recorded by the press. To do so, we chose the year of 1904 for a more detailed analysis of the notes recorded in newspapers. We use the collection of the Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais and the Coleção Linhares for the composition of the spectrum of the sources consulted.

*Keywords: press; soccer; history of sport.*

#### RESUMEN

Buscamos presentar y discutir los primeros momentos del fútbol en Belo Horizonte (Minas Gerais), registrados a través de la prensa. Con este fin, hemos elegido el año 1904 para un análisis más detallado de las notas registradas en las publicaciones periódicas. Por lo tanto, tomamos las colecciones de la Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais y de la Coleção Linhares para la composición del espectro de las fuentes consultadas.

*Palabras clave: prensa; fútbol; historia del deporte.*

## INTRODUÇÃO

O início do século XX é um rico momento de apropriação de um ideário esportivo no Brasil, notadamente percebido nos principais centros irradiadores da cultura urbana, a exemplo da capital federal, o Rio de Janeiro, e da metrópole efervescente, São Paulo.

Para além dessas cidades, Belo Horizonte começava a se configurar como um lugar afeito a experiências da modernidade, embora seja necessário considerar que a cidade, recém-inaugurada em finais do século XIX (1897), ainda se esforçava em se apropriar dos códigos que eram veiculados (no contexto dos grandes centros urbanos brasileiros) como símbolo de um *ethos* moderno.

No dizer de Anny Silveira (1996), a construção da capital mineira indicava a vitória do progresso, da razão e da inteligência. Uma grande cidade com grandes possibilidades, voltada para o futuro, o desenvolvimento, o moderno, o cosmopolita.

Nesse aspecto, em particular, a historiadora Letícia Julião esclarece:

Obviamente, uma transformação tão radical no modo de vida não ocorreu, em Belo Horizonte, como um passe de mágica. Só lentamente as elites mineiras se adaptaram àquele novo cenário urbano e adquiriram novos hábitos, vencendo suas resistências e desajustes. [...]. Mas, apesar das impressões de abandono ou provincianismo, não se pode deixar de admitir que o cenário urbano acabou por inspirar um modo de vida moderno na capital. Processo que, aliás, alimentou-se, justamente, dessas forças ambíguas e paradoxais, originando uma sociabilidade repleta de hibridismos. O desejo pelo novo articulava-se com o apego ao velho, assim como o cosmopolitismo com hábitos e valores tradicionais. Isso sem falar que a capital, ao mesmo tempo em que oferecia espaços adequados e atraentes para o convívio público, contraditoriamente inibia, com sua “geografia” segregacionista e disciplinadora, a interação entre os indivíduos (Julião, 1996, p. 66).

Assim, os modos de se divertir vão se redimensionando na perspectiva de abrigar práticas diferenciadas, notadamente ligadas à vertigem e à exposição pública. Os esportes se tornam, sobremaneira, um emblemático mecanismo de pertencimento a este novo modelo de convivência social, ainda que atrelado a um grupo distintivo.

A sociedade do ativismo, esportiva por excelência, requeria a construção de uma nova consciência, que desembocaria em novos hábitos. O historiador Nicolau Sevcenko (1994, p. 33) aponta indícios desse processo, ao afirmar que “o antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está”.

Para melhor compreendermos este contexto, Melo traz uma importante consideração, que diz respeito ao fato do espaço público tomar o espaço privado, como lócus de vivência do lazer e também como característica de um *modus vivendi* da modernidade. Assim, aponta o autor:

As atividades públicas de lazer ganham papel fundamental na construção dessa nova forma de organização urbana, como expressão do que se propõe; mensageiras, ora mais

ora menos literal, do anúncio de um suposto “novo mundo”. Relacionadas complexamente com o contexto socioeconômico, enquanto uma cidade estava sendo “morta” para que outra renascesse, preparava-se o terreno para a “sociedade do consumo”, onde o lazer e a diversão ganhariam ainda mais importância (Melo, 2006, p. 2).

A historiografia do futebol em Belo Horizonte, que tem se tornado mais vasta a partir dos investimentos acadêmicos que se debruçam sobre o tema nos últimos anos, situa o ano de 1904 como o espaço temporal que sedia a chegada deste esporte na recém-inaugurada capital mineira.

O que este artigo tenciona, pois, é tentar apreender os sinais que captaram as reações que o futebol causou na sociedade horizontal, via imprensa periódica da cidade. Para tanto, jornais do ano de 1904 foram analisados, com vistas a trazer à tona fontes que pudessem contribuir para a análise e reflexão do tema aqui proposto.

Os locais de acesso a esses periódicos se situaram na Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, responsável pela publicação, à época, do jornal oficial do Estado, o *Minas Geraes*, e também na Coleção Linhares, que abriga um vasto rol de títulos de periódicos de Belo Horizonte, entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

A Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais foi fundada em 6 de novembro de 1891, destinada a, segundo o próprio texto de apresentação no site do órgão, “dar transparência às ações dos governantes”. O seu primeiro periódico impresso data de 21 de abril de 1892. O acervo, atualmente, conta com boa parte dos jornais impressos desde a sua fundação, e estão disponíveis à consulta pública.

Já a Coleção Linhares possui uma peculiar história. Joaquim Nabuco Linhares nasceu em Ouro Preto, em 1880, e se transferiu para Belo Horizonte quando da mudança da capital mineira. Desde então, se lançou à tarefa de coletar exemplares de jornais e revistas que surgiram e desapareceram durante o tempo em que residiu na cidade. À medida que reunia as publicações, Linhares se dedicava cuidadosamente à catalogação do material recolhido, descrevendo a sua natureza, formato, propriedade, periodicidade, redação e duração. Assim, Linhares não se limitou ao desejo de colecionar o “objeto de sua paixão”, produzindo a sua monografia, ao reunir 839 resenhas de títulos de periódicos que circularam em Belo Horizonte no período de 1895 a 1954. O material reunido é considerado de “inusitada importância para a memória da cidade e sua imprensa” (Castro, 1995, p. 49). O acervo de Linhares foi adquirido de sua família, a preço simbólico, pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1976, passando a ser denominada “Coleção Linhares”. Desde então, o acervo permanece sob a guarda da Biblioteca Universitária, estando disponível à consulta para a comunidade universitária e o público em geral (Santos, 2005).

Embora reconheçamos que este tipo de acervo (coleção) possui suas limitações, por representar, em regra, uma espécie de “seleção de uma seleção”, compreendemos que a sua especificidade, marcada pela variedade de títulos e quantidade de periódicos acumulados em um largo período de tempo, compõe uma significativa possibilidade de registros da memória da cidade, o que aqui nos importa e é caro.

Sobre a perspectiva de se trabalhar guiados pelas fontes periódicas, é importante ressaltar que o uso de jornais como fonte de pesquisas historiográficas se legitima com o reconhecimento da história cultural, como outra possibilidade de se fazer história. Machado de Assis (2006) já reconhecia a literatura informativa dos jornais como algo fundamentalmente importante para a escrita da memória. Em um trecho de sua obra afirmava, com uma singular sensibilidade, que o jornal, literatura cotidiana, contém não a ideia de um homem, mas a fração da ideia humana.

De outra forma, é fundamental pensarmos na peculiaridade do manuseio desse tipo de fonte. Assim, cabe a consideração de Laura Antunes Maciel, ao esclarecer que:

é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representam (Maciel, 2004, p. 15).

De uma maneira geral, podemos constatar que parte da imprensa ignora a chegada do futebol em Belo Horizonte (muitas vezes, motivada pelo apego a uma linha editorial mais específica), o que não acontece com alguns impressos, que reverberam, com certo entusiasmo, a novidade do “jogo de bola com os pés”, noticiando e dando visibilidade aos meandros das suas primeiras experiências na cidade. Nesse sentido, dos 398 periódicos analisados (304 exemplares do jornal *Minas Geraes* e 94 exemplares de títulos diversos disponibilizados pela Coleção Linhares), 35 destes (17 do *Minas Geraes* e 18 da Coleção Linhares) noticiaram ou fizeram referências ao futebol.

Desse modo, podemos perceber que as primeiras notas que tratam da chegada do futebol em Belo Horizonte transitam entre uma euforia entusiasta e um estranhamento peculiar (que passava, em regra, por um tom de resistência). De uma forma ou de outra, fato é que parte da imprensa local já se atentava para esse movimento esportivo, capitaneado pela chegada do futebol à cidade. Discutiremos, a seguir, as fontes que emergiram na nossa busca, tentando alinhar as vozes que construíram a percepção sobre a chegada do futebol na capital mineira com as nossas impressões sobre este fenômeno.

#### **DAS FONTES: DISCURSOS SOBRE O FUTEBOL**

A primeira notícia verificada no *Minas Geraes* dá conta da inauguração daquele que seria o primeiro time/clube organizado da cidade. Nela, lê-se:

“Sport-Club-Foot-Ball” – Fundado nesta capital no dia 10 do corrente pelos srs. Oscar Americano, presidente; José Gonçalves, tesoureiro; Avelino Souza, secretário; Victor Serpa, ca-

pitão e outros. Anuncia a diretoria dessa útil diversão que, nos dias 14 e 17 do corrente, haverá exercícios práticos no campo (*Minas Geraes*, 13 jul. 1904, p. 6).

A lógica de uma “útil diversão” já aponta para o sentido de que os esportes, de maneira geral, representavam uma especial reserva da nova conduta esperada e exigida pela ideia de modernidade: o desenvolvimento de um gosto por práticas emblemáticas de uma lógica higiênica, eugênica, além de distintiva.

Como elemento constitutivo de um corpo de hábitos inserido na lógica de um modo de vida moderno, as práticas de divertimento se reconfiguravam na passagem do século XIX para o XX. Como sinaliza Victor Melo (2007, p. 52), “o desenvolvimento do campo esportivo no Brasil esteve relacionado com sua possibilidade de se constituir em uma diversão, em um país ainda carente de iniciativas nesse sentido”. Para o autor, “nesse momento, notadamente nas maiores cidades brasileiras, no contexto da influência da belle époque no nosso país, gesta-se mais claramente os primórdios de um mercado de lazer e entretenimento, em uma sociedade que começava a valorizar as vivências públicas de divertimento” (Melo, 2007, p. 52).

Assim, impulsionado pelo Sport Club e seus denodados incentivadores, outras agremiações esportivas/futebolísticas começam a surgir em Belo Horizonte, especialmente associadas a um público jovem, em geral ligadas ao meio acadêmico e pertencentes à elite econômica e social da cidade. O excesso (aos olhos da época) de futebol e de clubes chega a tal ponto que o periódico *A Epocha* denomina este momento como “a mania do foot-ball”, em edição publicada a 30 de outubro de 1904 (p. 2), reverberando a percepção do excesso que começava a se configurar.

Outra nota, desta vez encontrada no *Minas Geraes*, comprovava a ocorrência desse estado de coisas. Na sua edição de 24 de novembro (p. 6), o periódico oficial do Estado publicava que “este gênero de diversão esportiva, que ultimamente tanto incremento tem tomado no nosso meio, alia em si o útil ao agradável, pois ao mesmo tempo em que dá força ao corpo, concorrendo assim para a perfeição da espécie, é um elemento de distração para o nosso público”.

Para a pesquisadora Marilita Rodrigues, esse entendimento construído pela imprensa sobre o papel do futebol na cidade de Belo Horizonte, pode ser percebido na lógica de que

o útil estava aliado ao valor do esporte na busca da eugenia da raça, concepção que, desde o final do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, permeava as representações sobre o esporte e a educação física. O esporte era uma forma de conseguir o vigor físico e a melhoria da espécie. Além de concorrer para a formação do corpo, era uma forma de promover um divertimento organizado (Rodrigues, 2006, p. 162).

No entanto, o aparecimento do novo não se instituiu sem provocar estranhamentos. Se jogar futebol era algo estranho e até mesmo difícil para boa parte das pessoas, assistir ao jogo também não causava menos estranhezas. A crônica de Spiridiam<sup>1</sup> demarcava claramen-

---

1 Pseudônimo de um popular cronista da época, possuidor de um estilo provocativo e sarcástico.

te esta percepção, ao narrar a sua impressão quando assistiu a uma partida de futebol pela primeira vez:

E a voz de Bicudo surpreendeu-me: – que estás aí a murmurar? Nada!? Pois eu ouvi... avia-te e vamos assistir a partida de ‘foot-ball’: nunca vi tal cousa. – Nem eu, accrescentei. Quando chegamos ao chamado ‘campo’, fiquei surpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando commentarios, interessados pelo jogo. Bicudo franziu os supercenhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas do joelho para baixo, calçados com sapatões de turco, atiravam pontapés numa bola que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um ‘foot-baller’ e eu pude ver-lhe as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria perdidamente, achando tudo aquillo tragico e comico ao mesmo tempo, e sem perceber, instinctamente repetiu o conceito de D. Quitéria: – Neste mundo ha cada uma... – Que até parecem duas –, acabei eu (*A Epocha*, 20 nov. 1904, p. 2).<sup>2</sup>

Este olhar estranhado reflete o impacto que uma série de “novidades” (hábitos, comportamentos, espaços, tecnologias) causou na sociedade horizontal à época. Para além do futebol, todo um contexto de transformações ia se adensando no horizonte do cotidiano. Nesse sentido, o esporte (enquanto manifesta estratégia de educação de uma sensibilidade) se tornava mais um, dentre tantos elementos que tencionavam promover uma passagem de um tempo a outro.

Sobre isso, localizamos na crônica “Impressões de um caipira” uma possível tradução desta transição. Publicada no periódico *Gazeta*, a percepção de um sujeito não pertencente a esta nova ordenação social/espacial (de práticas e do urbano) é exposta com um misto de ironia e sentido. Em um trecho, lê-se:

Mais é como eu dizendo, compade, achei o tal Bello Horizonte uma terra isturdia. No sabbado passado cheguei no Bello Horizonte e como não sabia aonde morava o compade André, fui arrebutá no mercado. [...]. O compade André tá civilizado que é um gosto! Não trais mais faca nos cois das carça, e anda c’um cada sapatão branco que parece uma ferradura! Sabbado... é, foi sabbado mêmô, o compade André me chamou p’ra mode eu vê a cidade. Quando eu fui entrando numa rua larga daquellas, vi logo uma purção de cruz amarrada p’rumas corda preta. Ahi eu virei p’ro compade André e perguntei: – Uai, compade, pois entonce no Bello Horizonte o cemitero é nas rua? – *Pru que?*, disse o compade André. – Uai, pois vancê não tá vendo que purção de cruz p’ra aqui afóra? O compade André deu uma risada daquellas e disse: – Compade, isso não é cruz, isso é *posse da luz eletra...* (Impressões de um caipira, *Gazeta*, 10 jul. 1904, p. 2).

---

2 Adotamos a grafia da época, por acreditarmos que desta forma a ambiência do contexto se aproxima da realidade passada. Outras notas terão a mesma regra.

Segundo a historiadora Leticia Julião (1992), em seus estudos empreendidos sobre a cidade de Belo Horizonte, nos seus anos iniciais, é possível notar que para os habitantes da esfera urbana (espaço que foi se configurando como acessível a uma minoria), a cidade começou a oferecer uma infraestrutura tida como moderna, onde viviam suas elites, que ali “construíam suas residências, faziam seus negócios e desfrutavam o seu lazer”. Nos subúrbios, zona desprovida de planejamento, as camadas mais ínfimas da sociedade viviam em casebres e cafuas. No dizer da própria pesquisadora, a segregação espacial se dava com:

uma longa avenida que circundava a cidade, fixando os limites entre as zonas urbana e a suburbana. Também ela funcionava como recursos de comunicação e integração, não entre dois pontos extremos, como as demais, mas interligando diferentes bairros da cidade. Ao encerrar a área urbana em um território circular, criava-se o que se pode chamar de uma versão moderna de fortaleza. Embora, supostamente, não impedisse o acesso à zona urbana, a avenida do contorno separava a cidade da não cidade, funcionando como uma fronteira sutil entre a vida urbana e a suburbana (Julião, 1992, p. 81-82).

O futebol, enquanto prática moderna atrelada a um restrito grupo distintivo, era praticado no lado de dentro da avenida do contorno, comprovando que o esporte bretão não se dispunha para qualquer um. Ao menos sob o olhar da imprensa localizada nos acervos acessados, os sujeitos que aparecem nas notas são destacadamente pertencentes ao chamado “escol social”. Sobre isso, o *Minas Geraes* ressaltava esse posicionamento, afirmando em uma das suas publicações que “ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo desta novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distintos sportsmen e gentis sportswomen” (*Minas Geraes*, 4 out. 1904, p. 6).

Para além dos incentivos e dos estranhamentos, o discurso contrário ao futebol também se apresentava, embora menos comum. Intelectuais e literatos assumiam posicionamentos de oposição ao esporte e ao futebol, acreditando que esta prática não teria o caráter formador do espírito elevado que, por exemplo, as palestras literárias desenvolviam. O cronista do jornal *A Epocha*, assinando com o pseudônimo de Pan d’Ega, escreve um texto que bem demonstrava o seu descontentamento com o crescente aumento do interesse pelo futebol, que alienava as pessoas, em detrimento do gosto pela literatura e pelo conhecimento em geral:

Quem me aplacou os nervos foi o Lucio que eu via approximar-se, calmo e pensabundo, como no dia em que o apresentei ao leitor. Abracei-o numa irrefreável expansão de allivio, certo de que, como eu, tambem elle malsinaria o morbus invasor. Interroguei-o sobre a politica internacional de que elle dava tão detalhadas noticias; mas, com grande espanto meu, retrucou: – Não leio mais jornaes. Tenho agora melhores occupações. – Que dizes? perguntei desconfiado. Lucio recuou um passo, arregaçou até ao hombro direito a manga do casaco, e, enrijando o biceps, com o braço em angulo, falou: – Olha este muque. Entrei para o ‘José de Alencar foot-ball club’. Estendi-lhe a mão afflicta que elle apertou, achando-a fria, e fugi (*A Epocha*, 12 fev. 1905, p. 1).

Mas Pan d'Ega não estava sozinho na seara que resistia a esta novidade. Antes do seu texto, publicado em fevereiro de 1905, uma cronista que assinava como Marialva, tecia sutis críticas ao crescimento do futebol na cidade, em claro detrimento à predileção pelo mundo das letras e das artes. Em um trecho da sua crônica, Marialva destaca:

Emquanto a gente se enerva a escrever a prosa insossa para os jornaes, fala da vida alheia, discute política, flagella a fraqueza dos governos, namora e bebe cerveja, ha por ahi quem se apaixone pelos exercicios phisicos, ao ar livre, correndo, transpirando, brandando com a valentia dos pulmões, soltando a gargalhada sonora, em toda a belleza da agilidade, da força e da saude. E quando, no meio artificial e não raro doente, cheio de sobresaltos e duvidas, corrupção e odios, até a penna nos pesa qual comprida alavanca de ferro, que movemos com anceios e torturas, como elles, ageis e fortes, cantam o grande poema da vida à luz clara do firmamento! Abrem os braços, estiram o corpo, firmam as pernas, retesam os musculos, correm, saltam, atacam, fogem com graça, tornam a atacar, e vencem! E após a luta, que alegria, que orgulho! Perguntae ao apaixonado jogador de bolas que pensa das sensacionaes intrigas do dia, da vaidade dos superficiaes ou do successo dos politicos, e elle vos responderá com um meneio de hombros e um sorriso malicioso, emquanto dispara a queima roupa uma sonora praga e escapole para o commentario de algum novo acontecimento do *sportismo*. São esses os que vivem. Esplende-lhes o gozo nas faces, acompanham a alegria da natureza; e quando refulge a luz, vibra a canção dos dias harmoniosos, são felizes porque amam a verdadeira belleza, que é a da saude e da força (*A Epocha*, 21 ago. 1904, p. 1).

Uma outra possibilidade discursiva que se apresenta nesta investigação trata da ideia do “mito fundador”, assentado sobre o estudante de direito carioca Victor Serpa. Para os principais pesquisadores da história do futebol em Belo Horizonte, teria sido pelo entusiasmo deste jovem acadêmico que o *foot-ball* na capital se introduziria e desenvolveria (Ribeiro, 2007; Rodrigues, 2006). *A Epocha*, na sua edição de 16 de outubro de 1904, faz uma possível referência àquele que, no entender da nota, teria sido o principal responsável pela inserção do futebol na cidade. Para além da imprensa à época, parte da historiografia deste esporte em Belo Horizonte conserva (ainda que com ressalvas críticas) o discurso do mito fundador situado em Serpa. Para o jornal, ele representava o ideário esportivo (posto no incentivo da prática do futebol) harmonizado com a ambiência da modernidade, necessária à superação do atraso e do provincianismo do povo mineiro e horizontino. Em versos, a nota assinada por Timour, destaca:

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas,  
Nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escolas;  
E quando alguém se espanta ao ver os seus calções  
Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,  
Elle fica sem graça e diz muito apressado:

'É preciso educar o povo atrasado!'  
'Na Europa – norte a sul – não se encontra um lugar  
Onde o povo não saiba as bolas atirar;'  
'E eu vou contar um caso esplendido a respeito...'  
E logo vem um caso intermino e sem geito!  
Já jogou com Loubet as bolas de manhan,  
E de tarde fez verso ao lado de Rostand  
Affirmam que elle é todo um monte de borracha,  
Pois sempre cae no chão e nunca se esborracha!  
Quando joga no Parque a pela, exposto ao Sol,  
Parece resumir o medonho foot-ball! (*A Epocha*, 16 out. 1904, p. 2).

Estudos que se dedicaram centralmente à historiografia do futebol na capital mineira reforçam o sentido de pioneirismo atrelado à figura do estudante carioca Victor Serpa. Em sua investigação de doutoramento, a pesquisadora Marilita Rodrigues assim se refere à participação de Serpa no processo que originou as primeiras experiências do futebol na cidade:

Essa modalidade esportiva chegou a Belo Horizonte com Victor Serpa, um estudante carioca que estudou na Suíça e veio cursar direito na capital mineira. As notas cronológicas de Octavio Penna referem-se ao dia 3 de maio de 1904 como o marco dessa introdução, quando foi feito o primeiro ensaio no Parque, em uma de suas alamedas, à direita do portão da avenida Afonso Pena. [...]. A história do futebol no Brasil tem destacado nomes de estudantes brasileiros, filhos da elite, educados na Europa, que, ao retornarem de seus estudos, foram responsáveis pela introdução desse esporte no país. Como a Europa proporcionava uma base educacional que aqui ainda não existia no final do século XIX, os filhos das famílias abastadas, ao buscarem essa educação, aprendiam novas práticas culturais e também suas tradições. Ao retornarem para o Brasil, contribuíam para o enraizamento de uma nova cultura e de uma nova civilização, necessárias à modernidade proclamada para recém-inaugurada República (Rodrigues, 2006).

A imprensa de fato parecia reproduzir (e reforçar) o entendimento de que o principal responsável pela inserção do futebol no cotidiano local era mesmo o Victor Serpa. Em uma seção do periódico *A Epocha*, intitulada "Cousas que implicam" (que reverberava de forma irônica, notadamente, situações e fatos que causavam certo incômodo ou estranheza), o *foot-ball* não passa incólume, devidamente identificado ao sujeito que lhe dava forma e corpo:

Cousas que implicam:  
A corneta do collegio Raposo.  
O bigode rapado do dr. Nelson.  
Os jornaesinhos sanguesugas.

A unha do Sr. Julio Salles.  
O feto nati morti (?)  
A batuta branca do Nicodemos.  
O foot-ball do Victor Serpa  
Os bigodes do Sr. Zé Alves.  
O binóculo do camarote da Epoque.  
Os vales da Prefeitura.  
O proteccionismo do dr. Salles.  
E o cupim da praça da Liberdade (*A Epoque*, 4 set. 2004, p. 2).

À parte e para além da constatação da fundamental participação de Victor Serpa para a introdução do futebol em Belo Horizonte, fato é que ele se tornara importante personagem no cenário social da cidade. Em muitas ocasiões seu nome surgia nos periódicos locais (em uma, inclusive, na seção que noticiava chegadas e partidas de personalidades, notadamente do campo político e artístico). Filho da elite, Serpa cumpriu o papel que lhe coube, de incorporar a lógica do mito fundador. A tal ponto que, em janeiro de 1905, ao morrer prematuramente, vítima de uma gripe enquanto passava férias no Rio de Janeiro, enlutar a capital, com muitas notícias sobre o ocorrido publicadas em vários periódicos.

## CONCLUSÃO

Em um trabalho historiográfico não é possível o estabelecimento de uma ideia hermeticamente conclusiva, mesmo tendo sido realizado a partir de uma ampla gama de fontes. Ainda que tratadas e analisadas com o devido rigor, as fontes permitem apenas a tessitura de uma representação possível. Desse modo, chegar a uma única conclusão, ou a uma verdade absoluta, torna-se muito perigoso, visto que o passado, em certo sentido, é inapreensível.

Assim, o que foi possível perceber é a enunciação, via imprensa periódica, de dois bem delineados movimentos, simultâneos e distintos: 1) um claro entusiasmo, com discurso de incentivo à prática esportiva, provavelmente assentado em bases de um ideário moderno, moralista e higiênico; 2) um estranhamento, que gerava um discurso de crítica e contrário posicionamento, capitaneado por intelectuais e literatos, que viam no *sportismo* um risco à integridade e ao desenvolvimento do intelecto.

Importante também destacar o papel e o potencial dos acervos acessados, quanto às possibilidades de investigação acadêmica, sobretudo no campo da historiografia, para estudos que tencionam dar centralidade aos esportes, de maneira geral, e ao futebol, especificamente.

Dessa forma, pretendemos que esta investigação inicial possa tecer diálogos com outros estudos, no intuito de se compor um cenário mais claro de entendimento das percepções e sensibilidades estabelecidas a partir da chegada do futebol na capital mineira.

## Referências bibliográficas

- A EPOCHA. Belo Horizonte, 21 ago. 1904; 4 set. 1904; 16 out. 1904; 30 out. 1904; 20 nov. 1904; 12 fev. 1905.
- ASSIS, José Maria Machado de. O jornal e o livro. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- CASTRO, Maria Céres P. S. de. Estudo crítico e nota biográfica. In: LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Editora UFMG, 1995.
- IMPRESSÕES de um caipira. *Gazeta*, Belo Horizonte, 10 jul. 1904.
- JULIÃO, Letícia. A cidade cenário. In: \_\_\_\_\_. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. 1992. Dissertação (Mestrado em História), UFMG, Belo Horizonte, 1992. p. 60-117.
- MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880-1920. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- MELO, Victor Andrade de. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, Coordenação de Integração Acadêmica de Pós-Graduação, 2007.
- \_\_\_\_\_. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. *Esporte e Sociedade*, n. 3, jul./out. 2006. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espoc/>>. Acesso em: 27 abr. 2014.
- \_\_\_\_\_. Lazer, esporte e cultura urbana: conexão Paris-Rio de Janeiro – meio transporte: arte. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 2005, Belo Horizonte, UFMG.
- MINAS GERAES. Seção Festas e Diversões, 13 jul. 1904; 3-4 out. 1904; 24 nov. 1904.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. 180f.
- RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. 2006. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. 338f.
- SANTOS, Vilma Moreira (coord.). Projeto Criação da Biblioteca Digital Linhares – fase 1: relatório final. Belo Horizonte, 2005.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP – Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, 1994.
- SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.
- SOUZA NETO, G. J. de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Lazer), Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

Recebido em 29/5/2014  
Aprovado em 15/7/2014